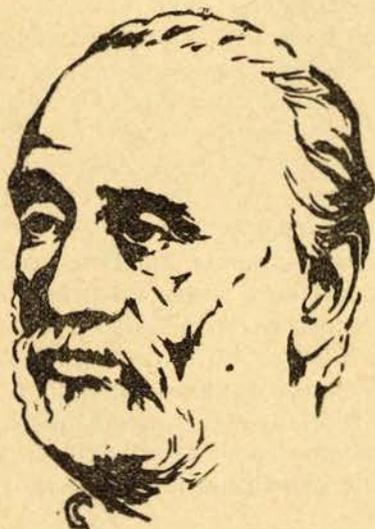
SERIE I — N.º 5

Junho de 1905

Luz e Vida

SOCIOLOGIA
ARTE
CRITICA

Mensário
ilustrado

BÜCHNER

Em frente ao perfil artístico do sábio materialista alemão Luis Büchner, nada de melhor, a nossos olhos, que o divulgarmos suas excelsas doutrinas de Verdade, desgraçadamante pouco conhecidas ainda em Portugal. Nêste intúito, fasêmos acompanhar o retrato do grande hómem de Siênsia dum estudo sôbre a *Não existencia de Deus,* inteiramente basiado em suas luminosas teorias materialistas, racionalmente formadas, com a máxima probidade sientífica, segundo o método experimental ou empirista. Que o leiam todos os amigos da Luz e Verdade; ou melhor: que o estudem, que o meditem. Porque, para trabalhos désta naturêsa, a simples leitura é nada.

O estudo demorado, a meditação profunda, eis o que é preciso, eis o que é tudo.

Não ha fôrça sem matéria, nem matéria sem fôrça — eis um princípio que, á luz dum são critério, não pode, de sorte alguma, ser negado ou posto em dúvida: a experiencia o demonstra, o estudo consiensioso da Naturesa o prova. E' impossivel conceber-se uma sem a outra; se as considerarmos a ambas separadamente, não são mais que abstrações vasias de sentido. Imaginêmos os átomos, ou seja: as porções mínimas em que pode conceber-se dividido um corpo; imaginêmo-los destituidos de matéria, de fôrça, sem essa relação d'atração e repulsão mútuas que os contém e que dá aos corpos a forma e o aspeto que apresentam; suponhamos destruidas as forças de coesão e afinidade: em tal caso, quais seriam as consequencias que disso teriamos de dedusir? A matéria ficaria redusida, imediata e forçosamente, ao nada informe. Ninguem pode, de certesa, apresentar, no mundo *físico,* exemplo dum átomo que não seja dotado de fôrças por meio das quais desempenha o papel que lhe corresponde, sob distintas formas — já combinado com partículas homogéneas, já com heterogéneas. *Mentalmente,* não pode tão pouco conceber-se uma classe de matéria sem fôrças. Uma matéria primitiva, qualquer que ela fosse, necessariamente teria entre as suas moléculas um sistema d'atração e repulsão, sem o qual desaparecia no espaço, deixaria d'existir, *não seria.* Pode acaso conceber-se, por exemplo, a eletricidade, sem os ferros ou os corpos em que temos notado as suas manifestações, sem as partículas cujas mútuas relações e disposição molecular são, precisamente, causa dos fenómenos elétricos? Não, de certo.

Ora, sendo lei geral que a fôrça, seja ela qual for, não pode manifestar-se senão na matéria, claro é que a fôrça não pode ser outra coisa senão a propriedade inerente a essa matéria.

Olhêmos um calhau qualquer. Que *força* existe nêle? A fôrça de *coesão* e *afinidade* entre as particulas que o compõem, fôrça que lhe dá a fórma, o aspeto, o *sêr.* Imagine-se a não existencia déssa fôrça: como conceber a existencia do calhau? A força é, pois, tão só, *uma méra propriedade da matéria.* E' tão impossivel que exista uma força sem matéria, como que haja visão sem aparelho visual, ou pensamento sem orgão que pense.

Désta noção, assim tão simples e natural, uma vasta consequencia geral e filosófica se deduz. E é que os que falam numa força criadora que formou o mundo de si-mesmo ou do nada *(Deus),* ignoram o primeiro e mais elementar principio do estudo da Naturesa, basiado na filosofia e no empirismo. Como teria podido existir uma força que não se houvesse manifestado na própria matéria, e que governasse o mundo arbitráriamente e por considerações individuáis? E como pode compreender-se que essa força tivessem podido, dada a sua existencia independente, penetrar na matéria informe e sem leis, para produsir o mundo, se, consoante vimos já, é de todo o ponto impossivel que essas duas cousas existam separadas umas das outras? De resto, não é menos evidente que uma força não pode tal ser força, não pode existir, senão emquanto está em atividade, emquanto *é.* A assim não sêr, poderia tambem imaginar-se a existencia, no corpo humano, duma dôr *que não doêsse...*

Imagine-se, pois, uma força criadora, uma potencia absoluta, um Deus, como causa primária do mundo, e preciso nos será, aplicando-lhe a noção do tempo, disêrmos que éla não podia ter existido antes nem depois da criação. Não podia ter existido antes, pois que a ideia de semelhante força é incompativel com a do nada ou da inação; e tambem porque não podia existir uma força criadora sem criar: uma força que não se manifeste d'algum modo, não é força, tal como uma *dor* que não *dôa,* não existe, não se concebe. E não podia ter existido depois da criação, porque a inação e o repouso são incompativeis com a ideia de semelhante força, encerrando em si-própria a sua negação.

Resta, tão só, uma terceira hipótese — singular, inconcebivel hipótese, essa!: — a de que a força criadora, Deus, houvesse surgido repentinamente do nada, que tivesse criado o mundo, dando-se-lhe ao depois, dissolvendo-se no Universo.

Mas — meditêmos — que é *o nada?* Como conceber-se *o nada* absoluto?

A matéria é imortal, indestrutivel, e nenhuma partícula de pó, por pequena que seja, pode perder-se nem confundir-se no Universo. Tão pouco não poderia o nosso entendimento, em abstração, separar ou aumentar o menor átomo, sem conceber, ao mêsmo tempo, que o mundo se converteria num cáos, uma vês que se alterariam as leis da gravitação e se destruiria o equilíbrio, necessário e invariável, da matéria. A continua metamorfose dos sêres que a toda a hora estamos vendo, o nacimento e a morte das fórmas e formações orgánicas e inorgánicas, não é mais que a constante transformação *das mesmas matérias primitivas cuja massa e qualidade são sempre invariaveis.* Os progressos da química contemporánea provam-nos isto duma maneira iniludivel: por meio da balança se fês o estudo das modificações numerosas e complicadas que a matéria experimenta, e sempre ela se viu surgir duma combinação qualquer na mesma quantidade em que havia entrado. Os átomos, mudando de logar, permanecem comtudo invariaveis, indestrutiveis, hoje numa combinação, amanhã noutra

Como desconhecer, pois, que do nada nada pode fasêr-se? A substancia deve existír préviamente sob outra forma ou em outra qualquer combinação, para poder formar uma organísação ou participar déla. Um átomo d'oxigénio, nitrogénio ou ferro, é, e seguirá sempre sendo em tudo e por tudo, sejam quáis forêm os corpos em que

se encontrem, uma só e a mesma coisa, dotada das mesmas qualidades inerentes, e jámais poderá converter-se noutra substancia diferente. Os átomos não podem jámais sêr criados de novo nem deixar d'existir; tão só pódem mudar de forma, de combinação.

A esta causa é devida a imortalidade da matéria; e, assim como éra impossivel a existencia duma causa primária, duma força criadora (Deus), surgindo por si-mesma, sem matéria a que estivesse ligada, assim tambem não é possivel que o mundo tenha sido criado, e muito menos criado do nada.

O mundo existiu sempre e sempre existirá. Porque não ha força sem matéria, nem matéria sem força. Porque a matéria é imortal, indestrutivel. Porque o *nada* absoluto é inconcebivel, e nada dêle se poderia tirar.

E assim, Deus, em cujo nome tantos horrorosos crimes se hão cometido; Deus, ideia vinda ao cerébro do homém primitivo pela sua fundamental ignorancia, pela sua absoluta impotencia para se explicar dum modo sientífico a fenomenologia do Universo que ante seus olhos fracos se desenrolava, — queda redusido a uma coisa em que, consoante afirma o filosofista Schopenhauer, se póde muito bem *crêr*, mas em que ninguem poderá, nem por um só instante, *pensar*.

Porque *ter fé*, é abdicar do livre exame, da rasão, do livre exercício do pensamento humano, — de tudo o que no *homem* ha de mais belo, de mais nobre, de mais grande. Por isso os *crentes*, com sua *fé*, rebaixam a própria naturêsa humana, rebaixando, concomitantemente, ao Deus que imaginam tê-la criado.

Deus que — felismente para êles — apênas existe em seu cêrebro ás escuras...

Póde-se muito bem crêr que um sêr individual houvesse criado o mundo — o que se não póde é pensá-lo.

SCHOPENHAUER.

A CAVEIRA DUM MONARCA

Numa montanha escarpada
que ao negro terror conduz,
vi um dia, abandonada,
uma caveira; e supuz:

Assim toda escalavrada,
carcassa pôdre e sem luz,
talvês tu fosses, coitada,
d'algum cura Santa-Cruz;

e talvês d'algum mendigo
que, sem pão e sem abrigo,
caísse aqui... Ou de quem és?

E diz-me um éco profundo:
Eu fui rei no velho-mundo...
Fui corrido a ponta-pés!

CASTRO ALVES.

AMOR LIVRE

A sociedade do futuro, que sómente em suas grandes linhas pode vislumbrar-se, realisará a emancipação da mulher, hoje inteletual e materialmente escrava.

Entre o que, com desprêso, chama a burguezia *classe baixa*, isto é — o proletariado, e, com misteriosa galantaria, a *alta sociedade*, considera-se hoje em dia a mulher ccmo inferior ao homem. O deserdado que, vítima propiciatória de todo o organismo social, não se sente com coragem para resistir ao patrão ou ao agente da autoridade, torna-se, em certas ocasiões, brutal e encarniçado contra a sua companheira d'infortúnio e, na profundidade da sua miseria e degradação, experimenta uma como que espécie d'alivio ao lembrar-se que tambem ele possúe uma escrava a quem martirisar. Esse desgraçado tem, pelo menos, a desculpá-lo a atrofia inteletual em que vive, triste fruto da sua condição material. Porém o burguês, com mais alguma ilustração e maneiras mais refinadas, é mais odioso quando, com palavras lisongeiras, trata a mulher como se ela fôra um passarinho de brilhante plumagem, cabeça sem cérebro, destinado a viver cantando numa gaiola mais ou menos dourada.

A consequencia dessa opressão masculina é que, na nossa sociedade, as mulheres, atropeladas pela força, buscam a sua represália, a sua vingança, recorrendo á astucia.

Porque aplicam todas as suas faculdades em tal objétivo, acabam bastas vêses por ser mais cheias de malvadês que os homens, e do que eles mais grosseiramente brutais. Até entre as feministas contemporánias, que por certo representam uma *élite* inteletual, se encontram com frequencia pequenos zelos e ambições pessoais recobertos de certa capa superficial de progressismo. E' isto, ao mesmo tempo que uma dádiva do passado, uma lei absolutamente natural: todos os sêres estão durante os primeiros momentos da sua emancipação maternal em estado identico ao dos indivíduos que, saíndo de calabouços subterráneos, vacilam como embriagados ao receber a lús do sol.

E isto ha de durar por muito tempo ainda, pois que os efeitos do atavismo — de que geralmente os anarquistas se não prestaram ainda a devida conta — não poderão suprimir-se num momento, e sobreviverão, atenuando-se, porém, muitissimo ao mudar o ambiente.

Crêr outra coisa, imaginar que a revolução social poderá realisar-se e triunfar num minuto, levar-nos para logo á constituição dnma sociedade perfeita, é ter a crença mística dum cérebro obscurecido pela fé mais cega, fé que o impossibilita de raciocinar. E' necessario dizer-se isto sempre e sempre, para evitar terriveis desilusões aos anarquistas que descuram o estudo das aspirações realisaveis no momento da revolução, na crença ilusória de que «tudo se arranjará». E' preciso que a gente se habitue a vêr as coisas, não como nos agradam, mas como realmente são.

De todos os modos, é chegada para a mulher a hora de despertar. A religião e a lei fizeram dela uma serva, uma escrava; ha de ser ela quem, afirmando bem alto o seu direito ao goso e ao amor, ha de destruir, finalmente, a lei e a religião.

Dias virão em que o homem, já emancipado de todos os jugos, dificilmente poderá crêr que houvesse existido um tempo em que as mulheres eram obrigadas, sob pena d'encarceramento, a passar a vida com seu marido, dando-lhe o corpo, ainda que esse marido não fôsse do seu agrado, impondo-lhes assim a lei a cadeia perpétua da prostituição.

E ainda têem essas desgraçadas, prostituidas legalmente toda a sua vida, a coragem de desdenhar daquélas outras desgraçadas, sujeitas, não pela lei mas pelo homem, a prostituir-se tão só durante quinze minutos!

A união livre não póde ser verdadeiramente livre se não coincide com o amor livre, isto é: se se limita a prescindir do consentimento do padre ou do magistrado, não se reconhecendo os amantes o imprescritivel direito a separar-se quando a qualquer dêles lhe dér na vontade. Doutra fórma não haveria liberdade: haveria, tão só, imposição, jugo, prostituição.

E' evidente que esta questão se liga, na sociedade atual, com outras mais, quais sejam a dos filhos e a da subsístencia. Um homem que sedús uma rapariga, tem déla filhos e a abandona sem recursos para dar seu coração a outra mulher, tal homem é, mesmo para nós outros partidários do amor livre, um tipo pouco simpático. Isto demonstra, porém, que na sociedade presente o amor verdadeiramente livre é muito raro e dificilmente realisavel; o amor, o verdadeiro amor, tão só existirá quando, por meio da transformação económica, o bem-estar e a garantia material estiverem garantidos para todos, quando os filhos fôrem educados pela sociedade, e quando os individuos d'ambos os sexos fôrem independentes. Então poder-se-hão unir ou separar-se quando isso lhes agrade, sem que tal constitua motivo algum de crítica ou d'escandalo.

Então será o amor verdadeiramente livre, e, de par a passo que satisfará o coração e os sentidos a ambos os sexos, satisfará tambem toda a sua átividade cerebral, hoje adormecida pelo lado feminino, — amanhã, porém, plenamente desperta.

Póde já vislumbrar-se á mulher do porvir, ocupando-se em trabalhos ligeiros, artísticos, educativos, sientíficos, higiénicos, etc., muito e muito diferente da ridícula boneca sua antepassada, qne passava o dia a perfumar-se, a ralhar com as criadas e a criticar as *toiletes* das visinhas, ignorante quási que em absoluto, sabendo tão só um pouco de catecismo e de mùsica as donzelas da burguezia, e uns tantos romancelhos de fancaria as pobres filhas do povo.

Enfim, ela viverá a vida do pensamento! Será artista, sábia; a siencia, não aprendida aridamente, mas profunda e sem limites, em logar de ferir a sua imaginação, a sua sensibilidade, a sua sede de poesia, abrir-lhe-ha um campo imenso; a exploração do mundo ainda desconhecido, do invisivel, do ar, das profundêsas ociánicas, dos mundos planetários, etc., substituirá dignamente, para a mulher jóven e linda, as futilidades da moda. A curiosidade, tão acremente censurada hoje em dia ás tristes filhas de Eva, servir-lhes-ha então d'estímulo para aprender o desconhecido. E quantas não recorrerão aos mais modernos instrumentos d'ótica e aos aparelhos posteriores á epoca do telefóne e da telegrafía sem fios, para continuar a exploração das « terras do céu », e unidos, irmãos e irmãs, intentarem reconhecer a superfície de Marte e d'outros planetas!

CARLOS MALATO.

Desdenham dos livros os que submergem a vida nas vaidades da ambição, os que correm unicamente atrás dos prasêres e os que vivem sumidos na ociosidade sem se lembrarem de que os livros governam todo o universo conhecido, á excéção das nações selvagens.

VOLTAIRE.

Os que admitem a existencia dum deus criador não se tomam a devida conta do belo comprimento com que o mimoseiam ao dá-lo como criador *dêste mundo*. Como! um deus todo poder, todo inteligencia, todo bondade, não pôde conseguir mais do que criar um mundo assim, um horror dêstes!

BAKOUNINE.

MÊNTE LIVRE

Ha muito tempo, d'olhos no infinito,
sonha e delira a pobre humanidade...
Para esta ancia d'amor, da immensidade
não vem sequer um ai, sequer um grito!

Neste sonhar extranho em que me agito,
neste pensar na nova sociedade,
tambem por minha vês, numa anciedade,
no céu fitei o meu olhar aflicto.

Homem! oh doido sofredor antigo!
Vive mais para ti, vive comtigo,
não fites, a tremer, esses espaços.

Que, se existes, Tirano secular,
eu quero ser titan para escalar
o tôrvo céo maldito com meus braços!

Quero prender-te numa jaula, ufano,
para sentir's o peso das algemas,
tu, oh quimera vil dos meus poemas,
tu que tens preso o pensamento humano!

Quero tambem juntar, num grito insáno,
as milenarias maldições extremas,
para as lançar, as cóleras supremas,
á tua face, oh sordido Tirano!

E depois de te haver atado os pés,
como bandido secular que és,
ao povo que te teme, semi-morto,

a doida multidão que a ti se prosta,
–hei-de mostrar-te, assim como quem mostra
a repulsiva fórma dum aborto!

Mas em verdade digo que não basta
só, desposar a Ideia–a virgem fria,
pois se approxima o sol dum novo dia
que raiará, sanguineo, á terra vasta.

Preciso é, pois, por essa virgem casta
pegar da espada heroica e lusidia,
para esmagar a velha tirania
no combate de luz que nos arrasta!

Rota a tiara, então, quebrado o scetro,
destronado da vida o velho Espectro,
tu poderás, sem ser temeridade,

velho mendigo, sonhador plebeu,
–roubar, sorrindo, o fogo ao novo céo,
para animar a estatua da Verdade!

(Póstumos)

ANTONIO RODRIGUES.

SIENTISMO E NATURISMO

Ao camarada Angelo Jorge.

Na carta que me endereça, lamenta o meu camarada que eu defenda «*doutritrinas tão insustentaveis*» como o são as ideias naturianas. Em primeiro logar devo dizer-lhe que a concéção da vida natural não é, de fórma alguma, uma doutrina propriamente dita: ela *não foi imaginada;* tão pouco não é um sistema construido com intuitos fantasistas. Não. E' simplesmente *a observação das leis naturais* o que os libertários *anti-sientíficos* reclamam, ou seja: pretender libertar o anarquismo do seu obscuro palavriado sientífico, para o tomar compreensivel ás massas. Não se trata de regressar, nem ao estado selvagem, nem ao estado primitivo; no *estado natural,* simplesmente, a vida não é de todo o ponto impossivel. A Siencia é o derradeiro preconceito que os camaradas anarquistas sientíficos não ousam repudiar!

Abandonar a Patria, o Exercito, o Poder, a Magistratura, as Religiões e o Parlamentarismo, e acocorar-se ante a *Religião da Siencia* (que tem os seus templos, os seus fieis, as suas cerimónias, os seus sacrifícios) e extasiar-se com suas maravilhas e progressos! Acaso não nos diz a Lógica que devemos ir até ao fim?

A Naturesa não é absolutamente perfeita, bem o sei, e eis a razão por que *a não deïfico:* mas forçoso nos é reconhecer que ela possúe inestimaveis qualidades, desconhecidas algumas, até, por muitas pessoas, aliás inteligentes.

Por consequencia, as leis naturais não são tal *insustentaveis;* pelo contrário, elas, só, representam a Verdade, a Realidade. A Siencia, em grande parte, não é mais que um amontoado de mentiras: — é a apoteóse do Artificial! Todos os dados e pretendidas verdades sientíficas têem sido discutidos, ponto por ponto, através das láudas de nossas publicações.

Em todo o caso, os próprios que não podem admitir nossa crença anti-sientífica, não devem jámais esquecer-se de que, como eles, sômos homens a quem a ordem social presente lançou na revolta, e que, dia a dia, vimos combatendo a seu lado por um melhor futuro. Por outra banda, estamos convictos de que numa sociedade anárquica sientífica deverão os libertários anti-sientíficos gosar duma Harmonia para cuja creação eles próprios terão contribuido.

Considerêmos tambem que o maquinismo intensivo nem sempre representa a Beleza ou a Utilidade. Util é-o, sim, em plena *sociedade civilisada;* nunca, porém, numa sociedade baseada, tão só, nas leis naturais.

Paris, 1905.

HENRI ZISLY.

No número subsequente de *Luz e Vida* responderá o nosso diretôr á presente carta-aberta de *Henri Zisly,* conhecido escritôr parisiense e acérrimo propagandista da escóla sociológica nominada *Naturismo.*

(N. da R.)

A siensia juridica e o direito politico, como se sabe, são filhos da teologia, em primeiro logar; depois a metafisica, que não é mais que uma teologia mascarada, uma teologia que tem a pretensão ridicula de não ser absurda, esforçou-se em vão por dar-lhes o carater de siensias.

BAKOUNINE.

Á MOCIDADE

O' mocidade ardente, ó mocidade!
—jóvens que ahi andais apodrecendo,
no lupanar, no vicio fenecendo
as pétalas subtis da loira idade:

Julgais que assim viveis, mas em verdade
vossa existencia atravessais morrendo;
pois morre quem dess'arte vai vivendo,
sem valor, sempre entregue á leviandade.

Não é isso viver, ó libertinos,
que a mocidade, para ser querida,
não deve ser passada em desatinos.

Vivei só pela vida merecida;
vivei, lutai contra os crueis destinos:
—só pela Vida deveis dar a vida!

A mocidade é a maior riqueza
que a Natureza-Mãe em si gerou.
Quem nunca a mocidade recordou,
já quando da velhice se viu prêsa?

Mas tão belo tesoiro quem n'o préza?
E quem tal energia utilisou
em semear a vida que secou
no seio dessa humana natureza?

O' almas varonis, que procuraes
expandir a subtil vitalidade,
mas que, afinal, somente vagueais.

usai-a em bem servir a Humanidade,
que, em troca desse amôr que lhe votaes,
ella vos creará felicidade.

A vida só é bela quando tem
a morteá-la a ideia mais sublime,
quando pela virtude esmaga o crime,
quando esmaga a maldade pelo bem.

Abençoado o coração que vem
a decepar a mão que nos oprime;
porque só a virtude é que redime,
e virtuoso eu chamo a esse alguem...

Armai-vos, corações, do santo amôr,
e vinde combater, sempre pensando
nesse ideal de deleitosa côr.

E' vasto o campo... e lá de quando em quando
vos reanimará a humana dôr,
—e tereis forças p'ra morrer, amando...

Lisboa, 1905.

BENTO FARIA.

Depois dos criticos

(Uma visita á exposição de Belas-Artes)

Espicaçados por esta nossa nativa curiosidade para com tudo aquilo que supomos poder contribuir para a nossa pobre educação de proletarios, não tivemos mão em nós que não fossemos, á semelhança dos anos anteriores, vêr a exposição que a *Sociedade Nacional de Belas-Artes* aí promoveu.

E como na derradeira exposição promovida pela *Sociedade Silva Porto* nos tivesse sido dado vêr um quadro que nos tocára duma impressão profunda mas a que a critica não soube ou não pôde dar uma justa interpretação, (*) disposemo-nos désta feita, na incertesa de ir encontrar trabalhos em condições identicas, a analisar tudo, desde a rua á ultima sala, afim de, a despeito da nossa absoluta carencia de conhecimentos artísticos, transmitirmos ao papel as impressões que recebessemos.

Apênas chegados em frente ao edificio onde se encerrava a exposição, e analisado o aspecto externo do monumento, uma dolorosa impressão, mixto de espanto e de mágua, nos tomou, á vista daquele massiço pesado e sombrio, com seu ar de masmorra senhorial. Dentro dum envólucro tal — pensamos a Arte, a bela, a grande, a pura Arte, dev'a sentir-se como que esmagada, como que asfixiada, tal a fealdade naquele amontoado informe de rochas sobrepostas. Do lado de fora do pórtico principal, da rua, passeava de lado a lado um militar que, no seu passo cadenciado e monótono, imprimia a tudo aquilo um acentuado cunho de prisão antiga. Passamos-lhe em frente; os botões metalicos do *dolman* lusiram num brilho sinistro d'olhar de bandido. Entramos; após a subida duns degraus miudos que pareciam sumir-se na propria pedra, acharam-se as nossas pessoas numa especie de patamar algo vasto e como que algo misterioso — dava a ideia duma entrada de sinagoga ou de templo antigo. Mais um degrau que se sobe, um amplo portão de tôscos humbraes, muito nús, que se transpõem e damos num corredor escuro a que foi preciso habituar a vista, ávida de se exercer sobre o que nos rodeasse. A' nossa direita um homem encanecido, encafuado num grosso capote militarmente abotoado, descançava indolentemente — numa cadeira de largo espaldar — a sua gordura de porteiro, balôfa como a sua vida de monotonia e sedentarismo; á esquerda umas estantes carcomidas e poeirentas se viam, muito tristes no seu papel de velhas despresadas.

Caminhando em frente, por sobre uma velha passadeira, no meio daquela espécie de claustro de paredes duma cor indecisa, raiada d'esbatidos laivos de poeiraça negra, dobramos um angulo á direita e entramos num corredor já mais apertado onde reinava uma dubia claridade coada por uns buracos que semelhavam seteiras de fortalesa. Junto das paredes, como unico ornamento, umas plantas infesadas, amarelecidas, em vasos réles d'olaria barata. Umas portitas baixas, acanhadas, que, pela simetria, pareciam dar acesso a celas d'algum mosteiro de pachorrentos frades, eram o ultimo retoque daquele quadro lúgubre que infiltrava em nossa alma uma bárbara sensação de tédio e de desgôsto. Chegados ao terminus do corredor, enfiavamos já

(*) Referimo-nos ao quadro do snr. Artur Alvaro Cardoso, *Passeio forçado*. Representa um pobre pária, esfarrapado, envelhecido e descarnado que, semi-morto de fome, caminha de fronte pendida, fasendo assim, em busca d'alimentação, o seu «passeio forçado» — jornada de miseravel e de réprobo.

(N. dos A).

nossos corpos por uma porta á esquerda, quando uma espécie de hómem — fortes bigodes irriçados como um gato — nos aponta um cartás pregado na parede, o qual disia, em desconsoladora síntese: *paga 100 réis, se quizeres entrar*...

Perto, uma secretária salpicada de nódoas pretas; por trás dela um indivíduo que, ao voltarmo-nos, lhe pôs as duas mãos em cima, num belo gesto de caixeiro de casa de penhores, cortando-nos logo os bilhetes que pagamos. E fômos entrando, mortificados pelo irreprimivel desejo de vêr que espécie de Arte se poderia alojar em semelhante pardieiro inestético.

O número dos visitantes éra, em qualquer das quatro pequenas salas — espaço ocupado por toda a exposição — bastante escasso naquêle dia: hómens muito poucos, cavalheiros em maior número, senhoras algumas e mulheres nem uma. Alguns cavalheiros passiavam, palrando quiçá sobre negócios ou sobre política; outros cortejavam donjuanescamente as damas. Déstas, as que não namoravam quedavam-se em frente aos quadros que tinham vidro, a endireitarem algum laço mal feito ou a corrigirem os frisados que ameaçavam desmanchar-se; umas tantas matronas, vencidas pelo sôno, cabeceavam sentadas nos bancos estofados do centro das salas. A disposição dos quadros nas paredes, caótica, anti-estética, sem ar de graça.

Mal erguêmos os olhos, depararam-se-nos os dois desenhos arquitetónicos de *Projetos da igreja-monumento á «Imaculada Conceição»*. Em verdade estes trabalhos deixam perceber, por banda dos autores, siensia da técnica de assunto e, sobretudo, uma paciencia sem limites, predicados estes que devêras sentimos vêr tão mal aproveitados...

Ah! o que dirão de nós os nossos vindouros, quando a historia um dia lhes disser que em pleno século XX, quando a Siensia já caminhava largamente, difundindo luz, desfasendo as trevas, — que em pleno século XX, numa época de remodelação societária e de positivismo, hómens que se arrogavam o qualificativo de *artistas*, se prestavam a auxiliar a manutenção da Igreja, mãe do retrocesso, da escravidão, da iniquidade, atrofiadora d'inteletos e depravadora d'almas virginaes!

Seguindo na direção do nosso lado esquerdo, podemos vêr que, entre um montão de banalidades, algumas até indecentemente trabalhadas, umas três caricaturas chamavam em torno de si certo ajuntamento de visitantes. Não discutimos se o snr. Francisco Valença, autor dêlas, tem ou não geito para tal género de trabalho; apenas nos limitaremos a deplorar que esse snr., em vês de perder tempo a parodiar a história do *rato que roe o cebo que unta a corda*..., o não tivesse habilmente aproveitado em traçar a própria caricatura, que deve sêr importante devéras. Todos quantos paravam em frente aos trabalhos do snr. Valença riam a bom rir da sua *espirituosidade;* quanto a nós, afastamo-nos, tambem a rir... daquela gente que tanto se ria.

Que tristesa não dá o pensar-se que sendo a Caricatura uma das formas d'Arte que pela sua fácil interpretação aos olhos dos povo, mais se prestam á difusão dos nobres ideaes, — demolindo, pelo grotesco, instituições sédiças e iniquas, desmoronando, pelo rídiculo, os velhos pardieiros sociaes que nos asfixiam — ande assim por mãos de tão nécias criaturas, de tão pífios fasedores de bonecos insignificativos...

Proseguindo em nossa jornada de mera observação, reparamos que a paisagem do rei estava precisamente no logar onde devem, de direito, estar os trabalhos das régias personagens, isto é: *no logar d'honra*. Isto consola a gente, tanto mais quando é certo que o quadro do snr. D. Carlos — dizem-no os entendidos — é um pastel d'alto lá com êle... Os trabalhos que nesta sala havia mais dignos de menção, já porque ligeiramente se destacavam do banal, já porque, segundo competentes opiniões, estão magistralmente executados, são: uma aguarela de *Roque Gameiro* e um pastel de *José Malhôa:* este com o retrato duma senhora, aquele com outro dum cavalheiro. Ouvimos a um crítico que o trabalho de Gameiro é de tão apurada fatura, que Velasquez não hesitaria em assiná-lo.

Antes d'abandonarmos esta sala, fisémos reparo em que o elemento feminino estava largamente representado, e em que, d'entre os muitos trabalhos expostos, alguns havia em que o requintado primôr da execução formava um contraste violento com as pequeninas banalidades que representavam. Exemplo, a *Carícia*, pastel firmado por D. Emilia Santos Braga.

E eis porque, encolhendo os hombros com uma resignação evangélica, passamos á terceira sala.

Voltando á esquerda, depara-se-nos um quadro a ólio titulado *A Sopa da Santa Casa,* com a assinatura do snr. David Estrela de Melo. Não nos é preciso largo esforço, ao contemplarmos esta obra, para nos convencermos de que o snr. Estrela, padecendo a obcessão antiga da *arte pela arte*, tem, no emtanto, balôfas pretenções a *realista.* E' assim que esse quadro, que dizem bem pitado, nos demonstra que as mendigas socorridas pela Santa Casa usam vestidos pretos, em muito bom uso, e cómem em marmitas de brunido metal reluzente. Mas o mais ratão de tudo é a lembrança que, não sabemos porque carga-d'agúa, acudiu ao cérebro do snr. Mello, de nos apresentar uma das velhas campletamente cega, com as órbitas vasias!

Que belo, isto! Que realidade, isto!...

A formar um verdadeiro contraste, estava próximo do quadro do snr. Estrela um belo trabalho da condessa d'Alto-Mearim, intitulado *Desesperança.* Eis-nos em presença do primeiro trabalho de pura Arte, de verdadeira Arte.

Esse quadro representa uma encantadora figura de jóven burguêsa, de loiras, sedosas madeixas de cabelo em desalinho por sobre umas delicadas espáduas, que se debruça a um piano, abandonada a uma cruel «desesperança». Uma carta que se nota perto da magoada criatura, deixa-nos adivinhar a causa da infernal tragédia que lhe vai na alma inda em flôr. A dolorida expressão do seu rosto juvenil; os estremecimentos das pálpebras, a contração dos seus finos lábios, são de tão exuberante realidade e de tão sentida arte, que não póde a gente deixar de sentir-se comovido, e como que prêso por um extranho respeito por tão harmonioso conjunto de Belêsa e Realidade.

E' em frente a obras táis que, mais do que nunca, se compreende a rasão dêste pensamento de Górki: *Tudo o que é belo faz despertar o sentimento da veneração.*

E'ra nésta sala, que segundo as gasêtas, se devia encontrar o quadro do snr. *Almeida e Silva*: «A viuva dum grévista.» Em vão o buscamos, porêm, e ter-nos-iamos retirado sem com ele dar, a não sêr o auxilio amigo dum catalogo, cujo número benevolamente no-lo apontou. Ora, admirando-se essa obra, gosta-se, em verdade, do colorido, das sombras, etc.; o que nunca, porêm, se supõem é que aquela mulher e aqueles rapazes tão gorduchos e tranquilos queiram representar a viuva e os orfãos dum grévista. Ficasse-o sabendo, porque o autor no-lo assegura no catálogo; que, em boa verdade, nada no quadro no-lo indica. Para cúmulo de contradição entre a obra e o titulo, nem aos mênos quiz o snr. Silva que a sua *viuva* e seus *orfãos de grevista,* houvessem no rosto a magresa, a cór anémica tão caracteristica nos filhos dos que trabalham! Certo que o snr. Silva não avalia, sequer, o que seja isso das gréves, da fome, da miseria; seu quadro concebeu-o após um jantar bem farto, por entre a libação digestiva d'aromáticos licôres... Que lhe préste.

Com igual defeito expunha o mesmo snr. outro quadro: «*A esmola das cinco chagas.*» Representa este quadro uns individuos com vestes religiosas em volta duma mesa, contando dinheiro. Não é facil advinhar-se a intenção do snr. Silva, pelo que cada qual a imagina a seu talante. Para nós é esta: — A Igreja, em logar de refúgio de sinceras, posto que estupidas, preces, é uma casa de comércio como qualquer outra; o céu vendido a retalho e a preço fixo... Bate certo.

Havia ainda n'esta sala alguns quadros que davam nas vistas por serem gran-

des. Assim *A volta das lavadeiras*, de Falcão Trigoso, *A volta da batalha*, de Jorge Colaço, *Lendo as profecias*, de Aires de Gouveia, etc. etc. Falar em taes obras, porém, é pôr no olvido o conceito de *Chateaubriand*: «Prefiro a grande e franca critica das belesas, á pequena e mesquinha dos defeitos».

Deslisamos para a segunda sala.

Os primeiros quadros que se nos depararam fôram os de *José Malhoa.*

E, com toda a gente, mal pozemos olhos num pequeno quadro exposto no primeiro plano, quasi a meio da parede, logo exclamamos, instintivamente: Olhem! a *Compra do voto!*

Que Arte, que Verdade, que Vida a dêsse quadro soberbo!

De sorte alguma tentaremos discutir a técnica dos trabalhos deste artista, de ha muito considerado um mestre, tal a insignificáncia dos juisos de quem, como nós, se afirme leigo, em absoluto, em tais assuntos. Dirêmos da intenção da obra: *A Compra do voto* é um quadro d'Arte social; mais: um quadro de combate, de demolição. As imagens que o animam estão píntadas com uma maestria inexcedivel.

A mulher que se vê pela parte de trás do pobre pacóvio que em atitude humilde e quasi de chapeu na mão, está prestes a aceitar a lista que o atilado padréca lhe oferece, é dotada duma expressão tão flagrante de vida e de verdade, que parece estarmos a ouvil-a segredar para o bom do hómem: pega lá nisso, anda! No outro plano, voltando as costas ao espetador, surge-nos o genuino tipo do regedor d'aldeia que, num belo gesto de velhaquete, parece disêr para um outro lapônio que deita vinho numa tigela: Aceita, sim... Enche lá isso!

Segundo crêmos, é a primeira vês que entre nós aparece um trabalho désta naturêsa. Talvês por esse motivo, a crítica passou por ele como cão por vinha vindimada. Lá fóra são frequentes quadros assim educadores, de propaganda e ataque ás convenções e infámias da sociedade. Já em 1745, Wiliam Hozart pintou em seis quadros uma importante obra demolidora, intitulada: *O matrimonio da moda*, que existe atualmente em exposição no *National Galery.*

Muitos outros teem aparecido noutras exposições; ainda ultimamente em Madrid, na exposição do *Palácio de Belas-Artes*, de 1904, Domingo Muñoz expoz um quadro sob o titulo *Sembrando el hambre*, que representa um bando de militares incendiando uma seara de trigo, e Casas expoz um outro intitulado *La carga.* Este soberbo trabalho representa um grupo de cavaleiros espadeirando bestialmente o povo, que foge, atemorisado.

Em Portugal é isto rarissimo — *isto*, quadros assim, nanja de espadeiradas...

Nós que acreditamos, porem, na lei fatal da evolução, esperamos que Malhôa continue a expor, em futuras exposições, quadros de verdadeira Arte, mais nítidos e perfeitos ainda, afirmando-se assim como o legítimo criador da Arte social, entre nós, pelo que toca á pintura. E désta creança arreigada não nos afasta, mesmo, a apresentação do seu quadro: *A procissão.* Esse trabalho, longe de ter um fim de mistieismo religioso, pode muito bem interpretar-se como uma perfeita *charge* nos espetaculosos exteriorismos da religião católica.

Para terminarmos de vês, dirêmos que na primeira sala (para nós a ultima) se viam alguns primorosos trabalhos d'Arte aplicada.

Destacava-se, porêm, como uma formidavel mancha desagradavel, um grande *panneaux* d'asulejo, ou seja: uma bárbara parodia aos asulejos antigos. Já nos dispunhamos a retirar, sorrindo trocistamente da banalidade e monotonia dos assuntos que Calaço escolhe para os seus trabalhos, quando nos firmamos melhor na figura principal do grande *panneaux* que, de espada em punho, num gesto furibundo parecia disêr-nos: «Que faseis aqui, escarninhas criaturas?! Sai! Deixai-nos continuar a chatiar a humanidade com as recordações das glórias das nossas armas!...»

E então, sufocando nos lenços uma homérica gargalhada, galgamos a escada,

atravessamos a passadas largas o negro corredor, e démos na rua com os nossos corpansis cheios de vigorosa mocidade.

Lisboa — 1905.

DOIS IRREVERENTES.

N. da R. — Este criterioso escrito recebêmo-lo acompanhado duma reprodução fotográfica do célebre quadro de Malhôa, *A compra do voto* — reprodução essa expressamente feita para na *Luz e Vida* se estampar uma copia em fotogravura, com o que plenamente concordamos. Um acidente inesperado, destruindo-nos, á hora d'entrar na máquina o presente número, a fotogravura preparada, impossibilitou-nos, porêm, de cumprir o desejo nosso e dos *dois* amigos *irreverentes*.

Sentimo-lo imensamente.

De forma que escrever, hoje, no nosso país: — expôr ideias, communicar aos outros o nosso pensamento a arder em meio de clarões auroraes de um ideal de Justiça, desenvolver theorias, discutir doutrinas com o fim de chegar á mais bella, á mais perfeita, commentar factos da vida social e dar a outras almas a impressão da nossa alma deante d'esses factos, constitue uma das maiores difficuldades, um dos maiores sacrificios. Sacrificios, já se vê, para aquelles que prezam a integridade da sua consciencia, para aquelles que acima dos interesses, egoismos e vaidades, collocam o desejo intimo de verem realisado sobre a terra o reino da Fraternidade, de fecharem para sempre o abismo incommensuravel das humanas dores.

Porque, para os outros não ha sacrificio. O sapo gosta do lodo. Sobre as podridões de monturo pullulam milhões de vidas. Assim, sobre as podridões sociaes ha homens que se refocilam, num goso muito seu, numa volupia que nos enoja, a nós, mas que para elles constitue a suprema felicidade.

JOSÉ AUGUSTO de CASTRO.

DEUS

Na ância d'encontrar o velho Padre-Eterno,
que foi, segundo a bíblia, o criador de tudo,
— das núvens e do mar, da terra e do inferno —
ergui ao céu, um dia, o meu olhar agudo.

Chamei, gritei, clamei — ora audaz, ora terno.
Fiz da crença, fanal, da minha fé, escudo.
E sempre á minha vós, Jeovah, ente superno,
ficou sereno e calmo, impenetravel, mudo...

Tomei então na dextra o facho da Rasão
e, guiado pela Siensia, andei toda a amplidão
em busca dêsse Deus extranho e fugitivo:

Mas — trágica ilusão! quimera fugidia! —
o céu éra vasio!... e Deus — esse existia...
no cérebro sem luz do hómem prímitivo!

ANGELO JORGE.

A EXTINCÇÃO DA CRIMINALIDADE

Sob o ponto de vista legal é irresoluvel o problema da extincção da criminalidade.

Quanto aos effeitos que d'ella derivam tambem não ha meio de estabelecer, com um criterio de justiça, um systhema regular de reparações. Mas significa isto que o crime se não possa combater e que elle ha-de constituir sempre para a humanidade um perigo de constantes perturbações?

Muito pelo contrario. A inefficacia dos meios empregados apenas nos mostra que ha uma necessidade de mudar de processo. Se a pena não consegue actuar sobre o criminoso, modificando-o, a razão está em que o individuo é um producto do seu meio, já porque d'elle soffreu a acção directa já porque hereditariamente lhe foram transmittidas certas tendencias do mesmo meio, aos seus anteriores communicadas. Em vez de se pretender modificar o individuo, deveria pois tratar-se de remover as causas que nelle determinavam a sua inclinação para o crime.

Modernamente quando o estudo da criminalogia começou a tomar o seu maior desenvolvimento, o crime foi considerado como resultado exclusivo da regressão atavica. O criminoso era a revivescencia, o typo d'uma raça anterior já desapparecida, ou a concretisação de tendencias e impulsões de especies ancestraes. Fatalmente, sem que nada o podesse evitar, o criminoso surgiria, reproduzindo a emotividade d'um estado biologico anterior. O crime não tinha outra origem e assim não haveria maneira de o attenuar, desde que elle não provinha de circunstancias sociaes que podessem ser removidas mas ia buscar as suas causas a epochas remotas.

Mas em face dos factos foi-se admittindo que uma grande parte do crime era devida ainda a outras causas: pathologicas umas, outras meramente occasionaes, e tanto estes como aquelles originados no meio social. Ao lado do criminoso atavico, appareceram o criminoso degenerado e o criminoso occasional.

Hoje, devido a novas investigações, nega-se já o atavismo, reduzindo-se o crime ás duas ultimas classes. Os estygmas attribuidos ao crimioso atavico sam por egual caracteristicos de degenerescencia. A microcephalia, em que se quiz ver uma regressão atavica, não é mais, desde que se pode provocar artificialmente, do que um symptoma degenerativo. Outras anomalias sobre que se fundava a theoria do atavismo estam hoje explicadas como perturbações do desenvolvimento organico na phase embrionaria, sem fallar que elles não teem uma similhança rigorosa com os caracteristicos de especies anteriores que se pretende revivescidos. Além d'isso taes anomalias andam sempre ligadas a outras que sam verdadeiras manifestações de degenerescencia. O condicionalismo de todos estes factos não pode portanto deixar de considerar-se actual.

Pondo do parte o criminoso atavico que, mesmo a existir, nos não interessaria sob um ponto de vista de hygiene e terapeutica social, porque não poderia soffrer nenhuma acção efficaz, vejamos a maneira de evitar o criminoso degenerado e o criminoso occasional.

Este ultimo não é propriamente o criminoso typo, não tem relevo a sua psychologia e o seu estudo não offerece interesse. E' um homem normal que circumstancias especiaes levaram ao crime. O mesmo individuo, com o mesmo temperamento, o mesmo grau de intellectualidade, collocado em circumstancias favoraveis não praticaria o mal. A sua situação economica, as torturas da vida d'hoje, o eterno conflicto entre a sua nutureza e a insatisfação das suas necessidades, ou a pressão exercida contra a sua liberdade, foram a origem do crime.

Entre um individuo que rouba para matar a fome e um outro que rouba por

necessidade d'uma predisposição pathologica vae uma distancia insuperavel. O primeiro, desde que tenha garantida a satisfação das suas necessidades deixará de roubar; o segundo, mesmo sendo rico, será sempre um ladrão.

Um homem que assassina porque numa contenda, na excitação da sua honra offendida, perdendo a noção da immoralidade do seu acto, no momento não soube desaffrontar-se por outra forma, pode ser um homem em que uma solida educação se não radicou, convertendo-se como que em instincto, que mesmo nas mais excepcionaes situações o guiasse. Mas não pode comparar-se a um outro que assassina reflectidamente, com longa premeditação e a ocultas. Sobre o primeiro actuaram circumstancia sociaes presentes; a falta d'um educação perduravel, o proprio conflicto que as mais das vezes tem por origem uma questão economica ou resulta d'uma má organisação das relações entre os homens. O segundo é o criminoso typo, em que se denunciam caracteristicos degenerativos.

O criminoso occasional é pois um individuo que pratica o crime porque as circumstancias exteriores, actuando directamente sobre elle, o obrigaram a praticar. Evidentemente que o mal não vem de nenhuma feição particular e intima d'esse individuo, mas está no proprio meio ambiente. Substitua-se esse meio, modifiquem-se as circumstancias determinantes d'actos criminosos e esta especie de crime desaparecerá. O problema contém em si a inteira remodelação da sociedade.

Quanto ao crime como forma de degenerescencia êle resulta tambem da actual situação societaria. A degenerescencia não é senão o resultado da acção do meio. Quando certos seres não podem conservar e desenvolver as suas aptidões, porque lhes faltam as condições de vida, esses seres degeneram. A má alimentação, o excesso de trabalho, a inferioridade moral duma educação mal orientada, a propria influencia deprimente do mysticismo religioso e da sentimentalidade, tudo isto sam causas de degenerescencia que a actual forma de sociedade implica. O degenerado transmitte ainda aos descendentes todos os seus defeitos que assim se vão accumulando e defenindo cada vez mais mais nitidamente. O criminoso degenerado é pois um producto da propria sociedade.

Desde que todos possam satisfazer integralmente as suas necessidades e não se locupletem uns á custa do depauperamento physico dos outros, desde que a moral assente numa base natural e se engrandeça o principio de solidariedade, desde que o trabalho seja reorganisado num sistema de liberdade e justiça, a degenerescencia deixará de ser um perigo e uma ameaça constante de perturbações. Tudo isto se realisará no dia em que as relações sociaes mantidas pelo espirito da reciproca sympathia, nascido da communhão de interesses e aspirações, deixarem de soffrer a coacção do Estado, que para existir precisa de apoiar e defender a desegualdade economica.

Dentro da actual sociedade, velha e gasta, não se encontra a solução do problema da criminalidade; as prisões, instituidas com o pretexto de defeza social, constituem verdadeiras escolas do crime e não será sobre o sistema penitenciario, condemnado em face da sciencia, que poderá assentar-se alguma coisa de positivo para o depuramento da especie humana. E' preciso atacar o mal no proprio fundamento, radicalmente, sem hesitações. Transforme-se a sociedade, dê-se-lhe uma significação mais natural, dignifique-se o papel social do hómem e o crime extinguir-se-ha.

Um dos caracteristicos da degenerescencia é a tendencia para a infecundidade, completada ainda pela lei de mutua attração sexual entre os degenerados. Extinctas pois as causas que actualmente provocam a degenerescencia, nem mesmo os degenerados poderam influir perturbadoramente no fundo biologico da especie, antes irão desaparecendo pouco a pouco pela fatalidade da sua condição. O amor realisado livremente, sem preocupações d'ordem economica, desde que a todos estejam garantidas as condições de vida, cumprirá integralmente o instincto sexual, em ligações mais

naturaes e perfeitas, o que será ainda nm precioso elemento para o aperfeiçoamento fisico da humanidade.

O crime, considerado como degenerescencia ou como o producto de circumstancias ocasionaes, deverá pois desaparecer da sociedade, quando ella se remodelar inteiramente numa base de justiça, de paz e amor.

Desilludido dos velhos processos de combater o crime que a rotina nos tem dado e que a experiencia comprovada de tantos seculos repudiou, nós temos uma larga confiança no futuro, e bem do nosso intímo sóbe a mais ardente aspiração por esse mundo novo, luminoso e fecundo, em que os hómens hão-de tratar-se como verdadeiros irmãos, auxiliando-se reciprocamente, sem exercerem uns sobre os outros a pressão da auctoridade, realisando emfim a vida natural e livre.

Coimbra. CAMPOS LIMA.

NOTAS DO FIM

A direção de *Luz e Vida* prepara para breve um número extraordinário dedicado ás crianças e á educação libertária, número que pela sua seleta colaboração literária e artística decerto alcançará um seguro exito. Falha-nos bem o espaço para que possamos disêr das intenções dêsse número, cuja publicação é das mais necessárias e benéficas para o Ideal d'Amor que defendêmos; de resto, em vários jornaes revolucionários, e nomeadamente na *Vida,* do Porto, ficou isso expresso, já, com regular amplitude. Em conformidade com essas notícias, de novo lembramos aos camaradas a pronta remessa de pequenas fotografias de seus filhos, afim, de, reprodusidas zincográficamente, figurarem nêsse anunciado número extraordinário de *Luz e Vida.*

— Por absoluta falta d'espaço pômos de banda as, já escritas, apreciações ao poemêto de Alfrêdo Pimenta, *Para a minha filha,* ao *Na lama,* de Eduardo d'Almeida, ao livro de Lopes d'Oliveira *A Justiça e o Hómem,* e ao *Da responsabilidade,* notavel estudo de Campos Lima recem-publicado e que, a preço módico, se encontra á venda nos mesmos locais onde *Luz e Vida* aparece.

Reservamos, outrosim, para um próximo número um estudo de Ángelo Jorge á Obra de José Augusto de Castro, acompanhado dum retrato dêste notavel hómem de lêtras.

— Acham-se absolutamente exgotados o 1.º e 2.º números de *Luz e Vida.* Aviso aos que no-los pedem.

NÓS

Mas que hómens são vocês, e que hómens pretensamente ilustrados, vós, os que me vindes prégar a traição ao meu Ideal em nome dos vossos interesses mesquinhos, a prostituição do meu inteleto em nome do vosso egoismo estúpido, o rebaixamento do meu caráter em nôme da vossa miopia inteletual, da vossa indigencia cerebrativa?! Julgais então que se é revoltado por simples prasêr, que se é revolucionário por simples gôso? Sapos — mergulhai na lama! toupeiras — buscai as trevas! — mas deixai que eu busque a Luz! mas deixai que eu investigue a Verdade e a límpida Justiça!... •

ZEILUNG.

EDITOR RESPONSAVEL
Joaquim do Carmo.

TIP. UNIVERSAL
Trav. de Cedofeita, 54